

# A biodiversidade é de todos nós

Márcio Ayres

**Empossar a população como guardiã e beneficiária dos recursos naturais tem produzido resultados animadores**

Ninguém sabe ao certo quantas espécies de organismos existem no planeta. As estimativas variam entre 2 milhões e 100 milhões. Acredita-se que 10 milhões seja uma aproximação correta. Dessas, apenas 1,4 milhão foram descritas pela ciência.

Apesar disso, descrevem-se as novas espécies a todo momento. Acredita-se que águas doces da América do Sul ainda possuem cerca de 40% das suas espécies por descrever. Hoje mesmo o público leigo sabe da importância dos genes que existem em cada célula das plantas, animais e outros organismos que vivem nas florestas. O genoma desses seres pode conter a chave para grandes desenvolvimentos na vida científica, econômica, social e política. O número de genes varia entre cerca de mil numa bactéria, 10 mil em fungos, até 700 mil ou mais em plantas e animais.

As florestas tropicais contêm a maior parte da biodiversidade do planeta, em número de espécies e de ge-

nes. A Amazônia tem uma biodiversidade inigualável no planeta. Acredita-se que algo entre 15% e 25% de todas as espécies estão nessa imensa floresta tropical. O valor desconhecido dessa biodiversidade e a cobiça internacional que incide sobre ela são exagerados e chegam a valores míticos. Parte disso é devido a traumas passados, como o caso da seringa brasileira. Os ingleses levaram um navio de sementes de seringueira para a Malásia, no início do século, e com isso desmorraram a frágil economia amazônica. Devemos nos lembrar que o café foi trazido da Guiana ao Brasil por método semelhante, e até hoje é parte significativa de nossa economia. Outros cultivos importantes, como juta, arroz e cana-de-açúcar, foram trazidos de outros países. O transporte de material genético sempre foi assunto estratégico entre os países, e apenas 30% das plantas usadas por nós têm origem em nosso continente. As multinacionais farmacêuticas, embora interessadas na possibilidade de novos medicamentos provenientes da biodiversidade das matas brasileiras, estão mais interessadas em nosso mercado. E isso elas já conquistaram.

A idéia da militarização da Amazônia como forma de proteger a bio-

diversidade e outros recursos naturais é uma questão delicada. Não acredito que esse papel de "polícia da biodiversidade" sugerido por Drauzio Varella seja o ideal das Forças Armadas. Os militares não estão interessados nesse papel, que cabe à Polícia Federal e ao Ibama. Precisamos, sim, melhorar a capacidade de pessoal e infraestrutura desses órgãos para aumentar sua eficiência. Hoje, com o desenvolvimento da Engenharia Genética e com as inúmeras possibilidades de seqüenciamento e replicação do DNA, controlar o contrabando de material genético tornou-se uma tarefa quase impossível. É fácil para qualquer turista levar um pedaço de "folha na caneta", como menciona Drauzio, uma semente no sapato ou no cabelo.

Há dez anos foi apreendido, na Flórida, um carregamento de cocaína de três toneladas, em troncos de madeira nativas da Colômbia, que atravessaram o Solimões, provavelmente parte do Rio Negro, Rio Branco, e chegaram ao Caribe. Se as drogas conseguem passar nessa escala, com toda a vigilância, imagine pequenos pedaços de material genético. Estes devem trafegar com facilidade. Não acredito que policiamento aéreo, de fronteiras e de estradas possa ser eficiente para

evitar a evasão de material genético.

Tenha ou não o valor que se credita à biodiversidade, ela precisa ser mais conhecida por nós brasileiros. Se não sabemos nem quantas espécies de animais ou plantas existem na Amazônia, muito menos sabemos sobre os genes e os produtos químicos por elas gerados. A ciência terá um papel fundamental na valorização desses recursos, indicando melhores usos para fauna, flora e seus produtos químicos derivados. Das 10 milhões de espécies que acreditamos existir no planeta, apenas 5 mil foram usadas como alimento pelo homem. Destas, somente 150 entraram no mundo comercial. Apenas quatro (arroz, milho, trigo e mandioca) são responsáveis por quase 70% das calorias de origem vegetal ingeridas pelo homem. Das 3 mil espécies de peixes da região da Amazônia Brasileira, apenas 20 espécies atraem 99% do interesse comercial. Não adianta falar do incrível valor dessa biodiversidade sem conhecer o que temos e que usos podemos dar a ela.

Na Amazônia existem cerca de 800 pesquisadores com doutorado, enquanto o Brasil forma, por ano, 6.000 novos doutores. Toda a Amazônia Brasileira tem menos de dois meses da produção de doutores do país.

Investir em conhecimento aumentará o papel da ciência na melhoria da qualidade de vida do povo. Mas é preciso melhorar a distribuição da capacidade científica, aumentar conhecimentos sobre essas regiões e melhor uso dessa riqueza por ser descoberta.

Biólogos acreditam que as taxas de extinção de espécies sejam entre 100 e 1000 vezes maiores do que os valores esperados. Só poderemos evitar que esses recursos naturais desapareçam antes de ser conhecidos, se melhor estruturarmos a sociedade. Além do papel da ciência para indicar formas sustentadas de uso dos recursos naturais, precisamos dar justiça social e melhores condições às populações que habitam esta região.

Empossar a população como guardiã e beneficiária dos recursos naturais tem produzido resultados animadores no Médio Rio Solimões, onde trabalhamos há cerca de uma década, implantando a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Contamos com apoio das Forças Armadas e outros setores da sociedade. A melhor forma de construir um Brasil mais justo é valorizando a própria gente.

Márcio Ayres, biólogo, é diretor do Instituto Mamirauá